

O FEMINISMO NEGRO E A SUBJETIVIDADE DA MULHER NEGRA¹

Josiane de Jesus Cerqueira Mendes²
Daniela Cristina Belchior Mota³

RESUMO:

Este artigo teve como finalidade analisar como o feminismo negro afeta positivamente a subjetividade da mulher negra, através de três pontos principais: (1) inclusão no mercado de trabalho; (2) valorização da estética negra; (3) relacionamentos interpessoais amorosos. Foram utilizadas bases de dados como referencial para a temática discutida, além de livros que abordam questões de raça, feminismo e empoderamento. A partir dos estudos sobre feminismo negro e subjetividade da mulher negra, foi possível verificar a importância desse movimento para o fortalecimento das mulheres pretas. Infere-se que o feminismo negro cresceu como forma de protesto ao racismo, machismo e sexismo presente na sociedade que marginaliza a mulher negra, fazendo com que a mesma tenha dificuldade em conseguir um emprego digno, por conta da cor de sua pele e cresça acreditando que não é bonita por não ter traços finos como mulheres brancas, além de internalizarem que não são dignas de amor, ajudando a reverter todos os danos causados a autoestima e subjetividade dessas mulheres, pelo racismo estrutural presente na sociedade.

Palavras-chave: Feminismo negro. Racismo. Subjetividade. Mulher

THE BLACK FEMINISM AND THE SUBJECTIVITY OF BLACK WOMEN

ABSTRACT:

This article analyzed how black feminism positively affects the subjectivity of black women, through three main points: (1) inclusion in the labor market; (2) valorization of black aesthetics; (3) Loving interpersonal relationships. Databases were used as a reference for the topic discussed, in addition to books that address issues of race, feminism and empowerment. Based on studies on black feminism and black women's subjectivity, it was possible to verify the importance of this movement for the strengthening of black women. It is inferred that black feminism grew as a form of protest against racism, machismo and sexism present in society that marginalizes black women, making it difficult for them to get a decent job, due to the color of their skin, and grow up believing that she is not pretty for not having fine features like white women, in addition to internalizing that they are not worthy of love, helping to reverse

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia da Uniacademia, na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 23/10/2021 e aprovado, após reformulações em 23/10/2021

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mendesjosi45@gmail.com

³ Docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA) e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: danielabelchior.mota@gmail.com

all the damage caused to these women's self-esteem and subjectivity, by the structural racism present in society.

Keywords: Black Feminism. Racism. Subjectivity. Women

1 INTRODUÇÃO

O Brasil após a Constituição Federal de 1988 se constitui em um Estado Democrático de Direito, tendo como princípios fundamentais a cidadania e a dignidade da pessoa humana, preceitos essenciais que conduzem todo o ordenamento jurídico. Como objetivos fundamentais do Estado, destacam-se a construção de uma sociedade livre justa e solidária e a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor e quaisquer outras formas de discriminação existentes (ALMEIDA, 2016). Porém todos esses fundamentos ainda não foram de fato efetivados na realidade social brasileira, que ainda é marcada por desigualdades raciais e de gênero, e resulta em uma sociedade opressora, e socialmente hierarquizada.

A história dos negros no Brasil se deu de forma árdua, forjada por injustiças. A mulher negra, ao passar por diversos processos de dor e invisibilidade durante sua história, teve seu valor completamente anulado pela branquitude, através do racismo. Neusa Santos (1990), traz a tona uma reflexão sobre como a hegemonia branca ainda era predominante, mesmo depois da abolição escravocrata. A desigualdade racial, dificultava todo o processo de ascensão do povo negro, aumentando ainda mais sua dificuldade, de se identificar como sujeito, e buscar sua identidade.

Segundo Almeida (2016) após mais de dois séculos de abolição da escravidão, não obstante a influência histórica e cultural dos povos de matriz africana na formação da cultura brasileira, ainda não ocorreu de fato um processo efetivo de integração do negro enquanto sujeito de direitos na sociedade brasileira, que se diz tão democrática e plural. A raça negra sofre a opressão originada por injustiças advindas das violações de natureza econômica, que se refletem na desigualdade dos índices de desenvolvimento social da população negra.

A desigualdade que assola a mulher negra, perpassa sobre problemas graves como a violência, que é maior entre elas que entre mulheres brancas. Como citado por Brasil (2015, p. 29):

A população negra é vítima prioritária da violência homicida no País. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros. Por esse motivo, nos últimos anos, o índice de vitimização da população negra cresceu de forma drástica, em menor escala, idêntico processo se observa a partir da vigência da Lei Maria da Penha: o número de vítimas cai 2,1% entre as mulheres brancas e aumenta 35,0% entre as negras.

O principal problema que marca a sociedade brasileira, e acentua ainda mais a desigualdade entre brancas e negras é o racismo, que estabelece a inferioridade das mulheres pretas em particular, operando assim, como fator principal na luta das mesmas pelos privilégios que se instituem para as mulheres de pele branca. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça, vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira (CARNEIRO, 2011).

Como autora desse estudo e mulher negra, pensando na importância do movimento feminista negro, acredito que a ruptura da discriminação direcionada à mulher negra poderá transformar a vida de uma mulher que sofreu a vida toda com a opressão por atos racistas direcionados a ela. Quando se fala em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras, assim como eu, fazem parte de um contingente de mulheres que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca, em consonância com uma estética burguesa e elitista. Fazemos parte de um grupo de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2011, p. 5).

O movimento feminista negro, ao ser formado, vem para demonstrar a forma como nós mulheres negras queremos ser vistas e ouvidas através da nossa subjetividade que perpassa por toda a nossa história de vida. Esse atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelo movimento negro e de mulheres do país,

enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (CARNEIRO, 2011).

Sendo assim, este artigo objetivou problematizar o sofrimento psicossocial das mulheres negras no Brasil, em especial no que se refere à dificuldade de inserção no mercado de trabalho, dificuldade em relacionamentos interpessoais no geral, que vão muito além de problemas amorosos por questões de estima. Mas também passam se tratam de dificuldades em fazer amizades e se adaptar em locais como trabalho e faculdade por não se sentirem acolhidas. Também abordando como os padrões de beleza de uma sociedade racista podem oprimi-la. Como fonte de fortalecimento subjetivo e engajamento social, o estudo visou abordar como o feminismo negro pode contribuir para o necessário enfrentamento dessa face de injustiça social ainda tão dominante na sociedade brasileira.

2 MÉTODO

As revisões narrativas são impressões abrangentes adequadas para discutir e descrever determinado assunto, segundo o enfoque teórico ou contextual. Consiste na análise da literatura citada em livros, artigos de revistas impressas e ou disponíveis em meio digitais, na perspectiva e no exame crítico individual do literato. Essa classe de artigos tem função primordial para a educação continuada, visto que permitem ao leitor alcançar e atualizar o conhecimento sobre um determinado assunto em um curto período de tempo (SALLUM; GARCIA; SANCHES, 2012).

Este estudo foi desenvolvido na forma de revisão narrativa, foram consideradas as bases de dados scielo e google acadêmico, as quais possibilitaram a pesquisa de estudos com relação ao tema feminismo negro e a subjetividade da mulher negra. As consultas nas bases de dados para a escrita do projeto foram feitas de março a dezembro. As buscas bibliográficas foram ampliadas a partir dos descritores racismo, mulher negra, feminismo, feminismo negro e psicologia social. O primeiro, como forma de mostrar como o racismo se dá em diferentes aspectos da sociedade de forma estrutural, focando principalmente na mulher negra e como ele afeta sua subjetividade. O Feminismo, foi estudado com forma de mudar a imagem

que as mulheres tem de si mesma, no caso do artigo, focando na imagem da mulher negra especificamente através do feminismo negro.

Trazendo uma reflexão de como a psicologia social, pode contribuir para a discussão desse tema, de forma crítica. Para a formulação dos resultados, os estudos foram lidos integralmente e analisados.

3 FEMINISMO NEGRO, SUBJETIVIDADE E INCLUSÃO PELO TRABALHO

As mulheres negras, desde sempre lutaram para conquistar lugares de prestígio dentro da sociedade, e para conquista-los de fato é necessário um esforço superior ao de mulheres e homens de pele branca, porém, atualmente se pode notar que essas mulheres aos poucos estão ocupando espaços dentro da sociedade de muito valor, o que não muda o fato de que a maioria delas vive em situação de pobreza extrema.

Como apontado por De Assis (2018) o motivo das mulheres de pele preta ocuparem os níveis mais altos de pobreza do Brasil, está interligado diretamente as oportunidades que lhes são oferecidas, e ao racismo estrutural que compõem a sociedade. Considerando que muitas precisam abandonar a escola para trabalhar e ajudar a sustentar a família, o nível de educação que essas mulheres recebem é extremamente precarizado, além disso as oportunidades de empregos que são ofertadas as mesmas, são cargos considerados de menor importância.

Ao se buscar um emprego, é necessário apresentar certos atributos que irão garantir que o candidato se destaque dos demais. Porém, na sociedade atual o racismo vem como base fundamental na escolha de candidatos para determinado trabalho, a desigualdade racial se faz presente quando se pensa na ocupação de certos lugares na hierarquia social. Para Silva, Rios e França (2009), essas características referem-se aos atributos como sexo, raça e idade que são as variáveis principais de discriminação para se ter acesso ao mercado de trabalho, além da trajetória dos empregados.

Atualmente, tem se notado um aumento do número de mulheres negras com baixa renda cursando ensino superior, o que demonstra a grande força de vontade das mesmas em sair da pobreza e conquistar uma vida melhor. Porém, a grande

maioria delas continua trabalhando no serviço doméstico, ainda que isso acabe fazendo com que o mercado de trabalho se expanda.

O fato de 48% das mulheres pretas [...] estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativos. E quando esta barreira social é rompida, ou seja, quando as mulheres negras conseguem investir em educação numa tentativa de mobilidade social, elas se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho (CARNEIRO, 2003, p.3).

É importante se pensar que não é só a falta de oportunidades que dificulta a inserção da mulher negra no mercado de trabalho. O racismo faz com que elas sejam sempre subalternas em determinadas profissões, nas quais pessoas brancas se destacam e conseguem grandes cargos facilmente. Sendo assim, se a estrutura racista na qual se fundaram as relações de trabalho não for alterada, isso nunca irá mudar.

Muitas vezes, até dentro de empresas as mulheres negras sofrem com a segmentação quando ocupam cargos inferiores há anos e se deparam com homens e mulheres brancas avançando e ganhando vagas melhores enquanto elas não conseguem chegar a isso, mesmo que possuam maiores chances de crescimento. Muitas mulheres aprenderam a trabalhar com atividades consideradas masculinas por necessidade, trabalhos que dentro de uma sociedade machista e sexista, deveriam ser designados apenas á homens, estão sendo feitos por mulheres, já que a remuneração é maior. Outro dado importante é o fato de que as mulheres no geral possuem um grau de instrução, mais elevado que os homens, mas isso não é acompanhado pelo aumento do salário. As mulheres negras especificamente sofrem com outros problemas além desses, já que não conseguem ter as mesmas oportunidades para se obter um bom nível de educação quando comparadas a mulheres brancas, tendo ainda que competir com homens para ter um emprego considerado estável (FERREIRA, 2019).

O Brasil é um país que possui diversos problemas sociais, porém segundo Ferreira (2019), o sexismo e o machismo são os maiores condutores para a desigualdade social. A mulher negra, além de todos os fatores citados anteriormente possui mais um, a classe social o que a coloca em situação de vulnerabilidade quando se pensa na inclusão no mercado de trabalho. Mesmo elas sendo a maioria na

[CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 406-422, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

população, perante estudos organizacionais ainda são vistas como minoria e quando citadas em pesquisas, são vistas no quesito diversidade dentro de empresas.

De Assis (2018), descreve sobre a importância de movimentos sociais que se fortalecem, discutindo e buscando alcançar a efetivação de direitos principalmente com relação a gênero e raça. A atuação do feminismo negro torna-se fundamental, visando trazer reflexões a respeito de vivências particulares a cada uma dessas mulheres pretas, além de tentar trazer mudanças significativas visando igualdade para as mesmas.

Além disso é importante que elas sejam sujeitas a vencer os desafios do racismo e do machismo diariamente. Segundo Ferreira (2019), passando a ter visibilidade e buscando oportunidades de mostrar seu potencial, vencendo o preconceito e a discriminação diária. A autora também descreve a importância de se denunciar os casos de racismo presentes no ambiente de trabalho. Talvez assim, o mito da democracia racial no Brasil comece a ser desconstruído.

4 SUBJETIVIDADE, BELEZA E EMPODERAMENTO

Quando se nasce uma mulher negra, não lhe é ensinado a como sobreviver perante a sociedade, aprende-se desde cedo na escola que seu cabelo não é bonito, seus traços não são os “aceitáveis” e isso prejudica a auto estima de meninas negras que crescem nesse contexto. Muitas mulheres depois de adultas continuam não se aceitando de fato como negras, negando sua identidade para se sentirem menos excluídas na sociedade racista e sexista na qual vivemos.

Durante toda a história do Brasil, foi construído um processo de hipersexualização das mulheres negras de forma depreciativa até o momento atual. Ao longo do período de escravidão, de acordo com Silva e Zarbato (2020) as escravizadas eram exploradas física e sexualmente por seus “donos”, sendo utilizadas apenas como forma de saciar o prazer dos mesmos, sendo acusadas de provocá-los e despertar seu desejo. Como forma de justificar seus atos como inevitáveis perante a sensualidade das escravas.

Quando se trata de contexto escolar, o racismo se faz presente e nem sempre de forma sutil, é importante pensar que nessa fase a subjetividade está sendo construída através das vivências, e refletir sobre esse assunto em sala de aula é

importante. Considerando que a escola não é um ambiente isolado, mas onde se constroem laços sociais e os alunos começam a se enxergar como sujeitos que são dentro da sociedade. A convivência entre crianças e adolescentes negras e brancas precisa ser problematizada através da forma como essas jovens negras constroem a visão de si mesmas a partir dessas relações (ZARBATO; SILVA, 2020).

A negação da identidade negra, como já citado pode-se dizer que começa a partir da internalização dessa visão negativa na infância. De acordo com Silva e Zarbato (2020) ir à escola acaba se tornando uma dificuldade para crianças e adolescentes negras, já que são discriminadas todos os dias sofrendo com “piadas” e sendo marginalizadas. Crescendo com o desejo de serem brancas, para se adequarem a padrões impostos e não sofrerem preconceito. O desejo de serem brancas ou mestiças, se dá também pela falta de representatividade da mídia. Programas de tv como novelas, seriados, e até mesmo desenhos, mostram que ser branca, ter cabelos compridos e lisos te torna bonita, desejada e amada.

A imprensa, especialmente a voltada para o público feminino, acaba fazendo com que mulheres que possuem cabelo crespo e cacheado, passem a vida escondendo o volume, alisando e passando por diversos procedimentos estéticos muitas vezes dolorosos para se sentirem bonitas.

A imposição do cabelo liso, pelos colonizadores, no entanto está perdendo força como cita Gomes e Pires (2019). Graças ao feminismo negro e sua disseminação, começou o boom da transição capilar, que de acordo com o movimento consiste no fato de recuperar a textura natural do cabelo crespo e usá-lo dessa forma. “Uma pesquisa realizada pelo Google BrandLab, programa que estuda as tendências do mercado a partir das buscas online, também mostrou que de 2015 a julho de 2017, as pesquisas por “transição capilar” subiram 55% no YouTube. As grandes empresas do segmento apresentam uma forte apropriação do discurso feminista, especialmente, o de sua vertente negra. [...]” (GOMES; PIRES, 2019, p. 2)

Estes tipos de produto vêm atraindo o público negro cada vez mais. Produtos de beleza voltados para cabelos crespos são novidade no mercado e com o grande aumento da visibilidade do movimento negro que foi possibilitado pelas mídias sociais, o aumento das vendas é algo notável.

Porém, para Freitas, Lourenço e Menezes (2018) é necessário questionar o motivo dessa grande representatividade vinda de grandes empresários, para não se

cair no “círculo da manipulação retroativa”, considerando que o capitalismo usa de manobras enganosas para não perder o controle social que possui.

As propagandas voltadas para o empoderamento da mulher negra não necessariamente, ajudam a combater o racismo que elas sofrem diariamente. Freitas, Darlan e Menezes (2018), nos atentam para a situação de que não é apenas um discurso ilusório, ou produtos específicos para cabelos que irão acabar com os problemas de racismos presentes na sociedade capitalista, já que são as opressões que mantêm o sistema funcionando. Dito isso, essas grandes empresas não possuem de fato poder para empoderar essas mulheres considerando que esse processo advém de relações sociais e políticas dos sujeitos em questão.

A sociedade brasileira, acaba impondo que as mulheres sejam perfeitas, mesmo quando pensam estar as empoderando. Um exemplo disso é a famosa “ditadura dos cachos perfeitos” como chamam algumas youtubers⁴, que se trata da imposição de que as mulheres que possuem cabelos crespos ou cacheados, estejam sempre com eles perfeitos. A mídia ao lançar determinados produtos usa de modelos com cabelos extremamente cacheados e magras para divulgar suas marcas, o que faz com que jovens adultas que possuem outras curvaturas de cabelo e um corpo não magro, não se sintam representadas. Silva e Oliveira (2017) apontam que toda essa imposição de cachos definidos se trata de mais um denominador do preconceito racial existente no Brasil, colocando que o cabelo crespo não é aceitável.

O preconceito sempre rondou a vida de uma mulher preta, o problema de autoestima que as perseguem desde criança, é apenas um pouco amenizado pelo fortalecimento do feminismo negro. E o surgimento dessas mudanças atuais que deveriam mudar sua realidade, acabam se tornando algo momentâneo, que pode se fortalecer futuramente, graças as grandes gerações.

A ditadura da beleza, que faz com que mulheres brancas sejam consideradas mais belas vai continuar presente no cotidiano de crianças negras, Silva, Zarbato e Martins (2020), apontam que desde sempre a mídia reforçou como bonito o cabelo liso e a pele branca, colocando cabelos crespos, cacheados, como o que não é tão belo.

⁴ Youtubers – “usuário frequente do site de compartilhamento de vídeos You Tube, especialmente alguém que produz e aparece em vídeos no site”

Quando se prega a aceitação do cabelo natural, é importante tomar cuidado com a forma que essa informação chega até jovens negras principalmente em plataformas sociais como o Instagram⁵. A maioria das blogueiras negras que fazem propaganda de produtos para cabelos crespos, aparecem com cachos sempre hidratados e definidos, e as meninas que apresentam o cabelo crespo de fato, passam a recorrer a química como relaxamento da raiz dos cabelos para que eles fiquem parecidos com o que se prega como bonito e aceitável nas redes sociais.

Todos esses pontos nos levam a pensar na reflexão trazida por Djamila Ribeiro (2018, p.340),

Mulher negra não é humana, é a quente, a lasciva, a que só serve para sexo e não se apresenta à família. Também é o grupo mais estuprado no Brasil, já que essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem.

Atualmente, as mulheres negras passaram a tentar combater esses estereótipos através da arte. Algumas cantoras usam de sua voz e local de fala para alcançar diversas faixas etárias e culturas através das redes sociais. De acordo com Silva e Oliveira (2017), com canções politizadas e incisivas essas cantoras mostram formas de se movimentar perante o preconceito, mesmo que por muitas vezes elas não sejam de fato ouvidas ou legitimadas.

Outro fator importante que o feminismo negro ajuda diariamente na luta de mulheres negras é com relação a relacionamentos. Muitas mulheres, por não se sentirem bonitas e valorizadas por estarem cercadas de estereótipos acabam por ficarem por anos em relacionamentos tristes e tóxicos. Casemiro (2018) fala sobre o homem negro crescer inserido em uma sociedade em que a mulher negra é apresentada como inferior a si e a mulher branca vista como a ideal, sendo assim ela é tida como inalcançável e perfeita para construir relacionamentos saudáveis, ao contrário da mulher preta.

5 FEMINISMO NEGRO E A SOLIDÃO DA MULHER PRETA

⁵ Instagram é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente se trata de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos.

Quando se fala em solidão da mulher negra, existe uma vasta discussão a ser feita a respeito do assunto, e diversas formas de abordá-los. O sofrimento que perpassa a vida dessas mulheres em torno de relacionamentos interpessoais, é algo que provém de uma sociedade racista que durante séculos faz com que os homens enxerguem apenas mulheres brancas como aceitáveis perante a sociedade.

As escolhas afetivas podem parecer individuais a cada um, porém de acordo com Oliveira e Santos (2018), a percepção das pessoas do que de fato é bonito e merecedor de amor, foi afetada pela vida em sociedade e contaminada por diversos problemas econômicos, políticos e culturais. Sendo assim, a cultura é parte do que cada indivíduo é, e todos são afetados ao longo da vida direta ou indiretamente pelo meio em que convivem. Reforçando o fato de que a visão de mundo é produzida socialmente.

Atualmente os relacionamentos Inter-raciais vêm crescendo entre homens negros, o que incomoda as mulheres pretas no geral, já que isso reforça o fato delas serem preteridas pelos mesmos. Considerando que entre mulheres negras a preferência por homens negros é mais evidente e eles optam na maioria das vezes por se relacionar com mulheres de pele branca.

Isso pode acontecer pela dificuldade de amar a si mesmo que as pessoas de pele negra possuem. Para gostar de um igual é necessário ter amor próprio, então se torna mais cômodo amar o outro e achá-lo mais bonito do que amar a si mesmo, diante de tudo aquilo que se vê a todo momento. Quando se entende que o amor preto é algo muito além de “palmitagem” - termo utilizado para se referir a preferência de pessoas negras por brancas- a problematização em torno disso, vai muito além do relacionamento em si, mas da forma como o homem negro se vê dentro dessa relação.

A maioria das mulheres negras tem a ideia de que dificilmente vão ter um relacionamento saudável e feliz então acabam aceitando viver presas em namoros e casamentos tristes, e infelizes, por conta do racismo e da rejeição, acabam considerando que é o melhor que podem ter, o abuso psicológico também contribui para que esses pensamentos sejam internalizados durante sua vida. Os homens se sentem no direito de matar sua “vontade” a força, principalmente em se tratando de mulheres negras, as quais são hipersexualizadas a todo momento.

Para Araújo, Monteiro, Luz e Francisco (2021) desde os tempos antigos, se acreditava na questão do instinto masculino como algo normal e natural, porém isso

[CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 406-422, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

ainda prevalece atualmente, o machismo impera na nossa sociedade. Além disso as mulheres negras estão, também, sendo violentadas por outras mulheres em relações homo afetivas, o que reforça a visão que a sociedade tem sobre elas, como apenas um corpo. Essas mulheres precisam começar a territorialização de seus corpos como um todo, passando a reivindicar o direito sobre ele, deixando de fazer com que os outros o vejam como propriedade.

Para se auto conhecer, segundo Cruz (2015) a mulher negra precisa conhecer seu corpo e sua sexualidade, quando se conhece a localização do prazer em si mesma, se consegue desenvolver um autocontrole, melhorando sua autoimagem e autoconfiança. Se conhecer também envolve os relacionamentos interpessoais, nos quais elas experienciam sentimentos como confiança e intimidade, que através da cultura contribui para construção da sexualidade de forma subjetiva.

Os homens que conseguem alcançar algum prestígio em suas vidas financeiras, de acordo com Pacheco (2013), tendem a trocar as mulheres negras por brancas, por se sentirem realizados em conseguir ter poderio suficiente para bancá-las. Sendo assim, as mulheres negras ficam restritas ao que “sobra”. O que não deveria ser algo comum a elas, e pode fazer com que muitas foquem em suas carreiras, ou outros pontos da sua vida e deixem de lado os relacionamentos.

Solidão, é uma palavra que traz muita dor para mulheres negras no geral. Pacheco (2013), traz o relato de algumas mulheres para retratar como é vivenciar isso, que pode ser descrito como um sentimento que somente pode ser preenchido por um parceiro, não podendo ser trocado por nenhum outro tipo de relação, como amizade e relações familiares por exemplo. Um exemplo de relato, vem de Rosa, que diz que “essa ausência é significada, tendo em vista categorias como “vazio” e “felicidade”. Estar com alguém, ter um parceiro significa ter felicidade! “

Tudo o que foi dito, demonstra como de fato a mulher negra precisa se esforçar para ser amada como deveria, a solidão da mulher negra é um ponto que deve ser discutido sempre que possível e abordado em grupos feministas, de forma a fazer com que essas mulheres entendam seu valor e percebam que merecem sim ser amadas e respeitadas em um relacionamento como qualquer outra mulher de outra raça.

Em seu livro **Quem tem medo do feminismo negro**, Ribeiro (2018, p.2) retrata como uma mulher negra, que durante toda a vida foi cercada pelo racismo

estrutural, passa a ter uma nova visão do amor quando se assume negra, e entende suas raízes no trecho em que diz “[...] entendi que o amor, por mais que me tivesse sido negado de várias formas, era um direito. E que viria a partir do momento em que eu tivesse coragem de olhar para dentro de mim com sinceridade para retirar o mal que fora colocado ali com tanto silenciamento”.

O feminismo negro, têm um papel importante para a construção da identidade dessas mulheres de forma geral. E é através dessa descoberta de si mesmo, que elas entendem a importância do amor em suas vidas, e como ele pode ser leve, calmo e verdadeiro, e não um amor que machuca e faz sofrer como elas aceitam que deve ser, e merecer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial desse estudo, foi demonstrar quão importante o feminismo negro é para a formação da subjetividade de mulheres negras. Em uma sociedade completamente racista, em que essas mulheres nunca foram ouvidas, e vivem a vida sendo subjugadas e hipersexualizadas por sua cor.

Pessoas negras possuem diversas dificuldades, entre elas conseguir um emprego digno. Porém em se tratando de mulheres, o preconceito aparece de forma muito mais escancarada em nosso país, homens brancos sempre possuem cargos melhores em empresas, mesmo que não apresentem as qualificações necessárias para estarem naquela posição. A ascensão social de mulheres pretas não é algo priorizado pelo governo e nem tão pouco pela “elite” brasileira. Para essa parte da nossa sociedade é preferível que a população negra permaneça marginalizada e sem condições de estudo. Dessa forma, conseguem ter um controle sobre os corpos das mulheres negras mantendo-as numa classe econômica inferior. As mulheres negras, que em sua maioria, ainda trabalham como domésticas, manicures e empregos informais que pagam o mínimo para sobreviver e sustentar sua família.

Reiterando o que eu já disse, a ascensão social de mulheres pretas não é algo priorizado pelo governo e nem tão pouco pela “elite” brasileira. Para essa parte da nossa sociedade é preferível que a população negra permaneça marginalizada e sem condições de estudo. Quando algumas dessas mulheres conseguem estudar e ter algum tipo de oportunidade de crescimento profissional o racismo estrutural se

torna um ponto chave para que isso se torne mais difícil. Independentemente do local onde uma mulher negra estiver trabalhando, o processo para se chegar ali não será tão fácil quanto para uma mulher branca. As mulheres que conseguem acessar esse lugar muito menos acessível para outras mulheres negras se tornam referência para muitas que desacreditam que terão essa chance. Esse processo funciona como uma forma de empoderamento-para crianças, jovens e adultas que não acreditavam que pudessem ter a chance de conseguir crescer na vida.

Assim, o feminismo começa a mudar a vida dessas meninas. Por isso é tão importante mostrar para crianças negras as mulheres negras que são bem-sucedidas em suas carreiras, que conseguiram se consolidar em posições que até então eram ocupadas pela população branca. Porém, com relação as mães de família e muitas mães solo, se faz necessário ter um cuidado ao abordar o assunto, já que muitas não podem se dar ao luxo de deixar seus empregos. Mas podem tentar buscar melhores condições onde trabalham, investindo nos estudos. Para isso existem projetos criados por mulheres feministas com o intuito de promover autonomia das mesmas e crescimento profissional.

O feminismo negro, foi criado para que mulheres negras pudessem lutar por seus direitos, atualmente ele pode ser considerado uma fonte de força, apoio, e luta para essas mulheres. Não só no âmbito do trabalho, mas em diversos outros setores diferentes dos escolhidos para serem explorados aqui. Para que uma mulher preta se sinta realmente bonita, e aceite isso considerando sua cor de pele, muitas vezes -será necessária uma vida inteira para que isso aconteça.

Não é fácil passar a vida se escondendo e tentando se tornar “mais branca” para ser aceita, as mulheres negras buscam uma aprovação que de certa forma precisa vir delas mesmas e não da sociedade, nem tão pouco da branquitude que a cerca. E quando se fala em aceitação, não se trata de usar o cabelo natural como forma de se mostrar “mais negra” que outra mulher que escolheu usá-lo liso, ou se apossar de acessórios, como roupas, sapatos e bijuterias que reforcem essa identidade. Mas entender que a beleza de uma mulher negra acontece de dentro para fora, quando se entende que sua identidade é o que faz com que ela seja única.

O movimento feminista, cria formas para que essas mulheres descubram a beleza interior dentro cada uma, diversas discussões que antes não eram feitas hoje acontecem entre meninas nas escolas, mulheres adultas e mais velhas. A nova

geração está se reconhecendo como negra cada vez mais jovem, e propondo debates e pautas raciais que fortalecem esse movimento e a união entre elas.

Quando se passa por esse movimento de aceitação, não é somente de beleza que se trata, ter um relacionamento saudável não é tão fácil para mulheres que passam a vida sendo hipersexualizadas e excluídas, simplesmente por não possuírem traços finos, ou cabelos escorridos e loiros como tudo a sua volta coloca como bonito. Sendo assim, aprender a se valorizar é a peça chave para que muitas não acreditem que mereçam passar por situações como agressões de parceiro.

É necessário promover políticas públicas para o combate ao racismo, criminalizar o ato é algo que já acontece, mas não é levado a sério. Em um país que a desigualdade é gritante, a impunidade também é, pessoas que cometem atos racistas, não costumam pagar por isso, e por isso continuam fazendo. Oliveira e Santos (2018), trazem como sugestões para mudar essa desigualdade, esforços que aconteçam em conjunto, educação libertadora para todos e especialmente para pessoas negras, em que é necessário fazer uma recuperação de sua ancestralidade, com o intuito de resgatar sua autoestima e consciência de raça, combatendo diariamente estereótipos, e promovendo estratégias de enfrentamento, à desigualdade racial.

Sendo assim, a temática abordada por este trabalho é de suma importância para que se entenda a realidade e o sofrimento passado por mulheres negras ao longo da vida. Não se trata de algo isolado, todos os dias, diversas mulheres morrem vítimas de feminicídio no Brasil, em sua maioria de pele preta e são situações que mesmo na atualidade passam despercebidas pelos governantes que não propõem formas de lidar com isso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
BENTO, Maria Aparecida Silva. Mulher negra no mercado de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 479-479, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16466/15036>. Acesso em: 06 ago 2021.

BRASIL, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 31 agosto 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés**. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em 31 ago. 2021.

DA CRUZ, Isabel CF. Sensualidade, Sexualidade e Emancipação: Subsídios para Discussão sobre a Subjetividade da Mulher Negra. **Boletim NEPAE-NESEN**, v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.jsncare.uff.br/index.php/bnn/article/view/2791/677> Acesso em: 25.set.2021

DE ARAUJO, Ellen Beatriz Valladão *et al.* Territorialidade do Corpo. Disponível em : <https://www.acsaarch.org/proceedings/International%20Proceedings/ACSA.Intl.2021/ACSA.Intl.2021.278.pdf>. Acesso em: 06 ago 2021.

DE LIMA GOMES, Giovanna Carneiro; DE MELO PIRES, Júlia Maria. O Femvertising da Transição Capilar: Apropriação Econômica Sobre o Discurso Feminista e Identidade Negra no Brasil. **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, São Luís, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0988-1.pdf>. Acesso em: 20 set 2021.

DE MATOS OLIVEIRA, Ilzver; SANTOS, Nayara Cristina Santana. Solidão tem cor?: Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 7, n. 2, p. 9-20, 2018. Disponível em: Acesso em: 20 set 2021.

FERREIRA, CLÁUDIA APARECIDA AVELAR; NUNES, S. C. Mulheres Negras no Mercado de Trabalho: Interseccionalidade entre Gênero, Raça e Classe Social. **XLIII Encontro da ANPAD**, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/download/60919275/Interseccionalidade_pdf_2019_EnANPAD_EOR220320191016-98011-1ocpas8.pdf. Acesso em: 20 set 2021.

FREITAS, Isabel Ferreira; DARLAN, Lourenço Nascimento; MENEZES, Anderson de Alencar. Industria Cultural e o Empoderamento da Mulher Negra. **XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd**, 2018. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/12/3903-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 20 set 2021.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: Edufba, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALLUM, Ana Maria Calil; GARCIA, Dayse Maioli; SANCHES, Mariana. Dolor agudo y crónico: revisión narrativa de la literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. SPE1, p. 150-154, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe1/23.pdf>. Acesso em: 20 set 2021.

SAMPAIO, Livia Cassemiro. **Mulheres negras e o cabelo: racismo, sexismo e resistência**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22249>. Acesso em: 20 set 2021.

SILVA, Thaylla Giovana P. Reflexões sobre a representação feminina negra (cabelo Afro) como identidade e afirmação racial. **XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino em História**, n. 12, 2021. Disponível em : https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epoh2020/1606757483_ARQUIVO_b371f9aa8fa53545b9fce1ef023ed917.pdf. Acesso em: 20 set 2021.

SILVA, Vanderlucia Aparecida da Costa; OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Corpo Negro, Cabelo Crespo: as novas apropriações de fala e escrita da mulher negra no Brasil. **XV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC**, 2017. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522244996.pdf. Acesso em: 20 set 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1990. Acesso em: 11 nov. 2021